ÁREA TEMÁTICA:

( ) COMUNICAÇÃO
(X) CULTURA
( ) DIREITOS HUMANOS E JUSTIÇA
( ) EDUCAÇÃO
( ) MEIO AMBIENTE
( ) SAÚDE
( ) TRABALHO
( ) TECNOLOGIA

TERREIROS E QUILOMBOS: ESPACIALIDADES E ARTICULAÇÕES

Caio Shigueharu Kataoka[1]
Tanize Tomasi Alves (Co-orientadora)[2]
Cicilian Luiza Löwen Sahr (Orientadora)[3]

RESUMO – Tomou-se o "Terreiro de Umbanda da Sociedade Afro-brasileira Cacique Pena Branca", localizado no Jardim Santa Luiza na cidade de Ponta Grossa, para estabelecer reflexões sobre sua própria espacialidade, bem como, sobre suas articulações com a comunidade quilombola de Santa Cruz, localizada no distrito de Guaragi, município de Ponta Grossa. Para isto adotou-se metodologias e técnicas pautadas nos fundamentos da "Descrição densa" de Clifford Geertz, tornando a "Observação participante" como procedimento para a apreensão dos aspectos sociais que estão entrelaçados à prática religiosa umbandista de uma parcela da comunidade quilombola. O conceito de lugar sob o viés humanístico trouxe o aporte teórico para esta reflexão, cuja abordagem centrou-se nas acepções de Tuan que remetem o lugar a partir da perspectiva da experiência. Com relação às espacialidades do Terreiro, foram observados no seu interior tanto elementos filantrópicos como religiosos. Foi possível entender também que a religião umbandista se apresenta para os quilombolas como uma prática religiosa paralela a crença católica, uma vez que os mesmos são participantes frequentes das atividades e dos papéis religiosos na Capela do Senhor Bom Jesus na Comunidade Quilombola de Santa Cruz. Assim, puderam ser elucidadas questões referentes às particularidades socioculturais, vivências e sentimentos de pertencimento com a cultura afrobrasileira que subsiste e persiste em suas manifestações, sobretudo, nos aspectos de seu sincretismo religioso.

PALAVRAS-CHAVE – Comunidade quilombola; Lugar; Sincretismo religioso; Terreiro de Umbanda.

[1] Graduando do 4º ano do curso de Bacharelado em Geografia – UEPG e Bolsista PIBIC/CNPq, shigueharu.k@gmail.com.

[2] Bacharel em Geografia e Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia Mestrado em Gestão do Território - UEPG, mauricioetanize@hotmail.com.

[3]Doutora em Geografia pela Universidade de Tübingen (Alemanha), Professora do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UEPG e da UFPR, coordenadora do projeto de extensão "Faxinalenses e Quilombolas: apoio e assessoria ao reconhecimento de populações e territórios tradicionais no Paraná" da UEPG. Email: cicilian@uol.com.br

Introdução

O trabalho em questão teve como lugar de estudo o "Terreiro de Umbanda da Sociedade Afro-brasileira Cacique Pena Branca", que se localiza no bairro Colônia Dona Luiza, zona urbana do município de Ponta Grossa. A partir deste objetivou-se produzir reflexões a respeito da vivência sociocultural quilombola de um grupo de indivíduos da Comunidade Quilombola de Santa Cruz que frequenta as atividades do Terreiro de Umbanda.

O Terreiro de Umbanda foi criado no ano de 1988, pelo líder da Comunidade Quilombola de Santa Cruz e sua esposa, a sacerdotisa Yalorixá do Terreiro, como centro espírita de origem africana com a denominação "Sociedade Espírita Cacique Pena Branca", e posteriormente tornou-se "Sociedade Afro-brasileira Cacique Pena Branca" unindo a "Casa de Aprendizagem Criança Feliz", creche criada em 1985 pelo casal. Assim, juntaram-se as práticas filantrópicas com as religiosas num mesmo lugar, o Terreiro. Desse modo, o lugar se constituiu, como coloca Tuan (1983), em um mundo de significado organizado.

Objetivos

Levando-se em consideração, de um lado, a ancestralidade negra muito presente nas comunidades quilombolas através das práticas religiosas de raízes africanas, como a religião umbandista, e de outro, a inserção destas às atividades filantrópicas, buscou-se neste trabalho apreender os aspectos sociais entrelaçados à prática religiosa umbandista de um grupo integrante da Comunidade Quilombola de Santa Cruz. Para isto tomou-se o lugar "Terreiro de Umbanda da Sociedade Afro-brasileira Cacique Pena Branca" para estabelecer as reflexões a partir do sincretismo religioso praticado pelos quilombolas.

Metodologia

A metodologia adotada se baseia na concepção de Clifford Geertz (1973) que considera a cultura como uma teia de significados produzida pelo ser humano em constante mutação, inteligível por uma apreensão subjetiva da realidade. Nesse sentido, foi utilizada a descrição densa e a observação participante seguindo o viés da semiótica, visando coletar as informações particulares dos discursos sociais e culturais dos indivíduos com o objetivo de se fazer uma análise interpretativa. Dessa forma, foram feitas entrevistas dialógicas informais e coleta de dados descritivos.

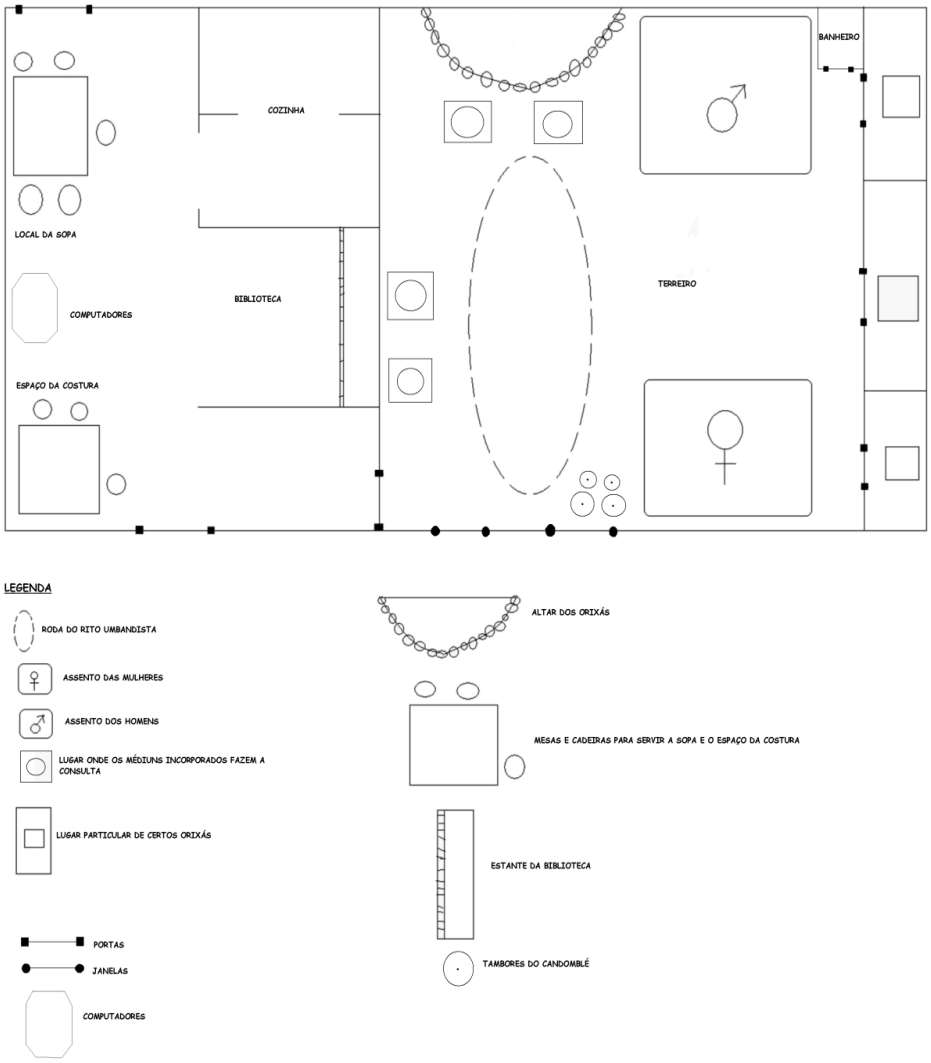
Num primeiro momento foi feita entrevista com o Presidente da Associação dos Quilombolas de Santa Cruz e com a Mãe de Santo ou líder espiritual do terreiro. Estes destacaram aspectos relacionados aos impasses da questão político-jurídica da terra na Comunidade Quilombola, bem como, a cultura e religião quilombola e seu contraste em relação à sociedade envolvente. Houve também uma visita guiada a todas as instalações do Terreiro.

Num segundo momento, foi feita uma visita de observação participante do rito umbandista, em que se pôde visualizar a prática religiosa, com seus trajes característicos, oferendas, simbologias e comportamentos, enfim, a organização do rito em si.

Resultados

O lugar abordado a partir da perspectiva da experiência de Tuan (1983) nos levou a apreensão do mesmo enquanto definidor e organizador do espaço, de forma, a projetar uma espacialidade organizativa do lugar "Terreiro de Umbanda" (Figura 01). Este pode ser percebido sob duas linhas de definições, uma delas remete às atividades ligadas a questão religiosa, enquanto a outra visa ações de caráter filantrópico, contudo, ambas se entrelaçam quando se pensa nos ideais da religião umbandista.

Figura 1 – Croqui do Terreiro de Umbanda da Sociedade Afro-brasileira Cacique Pena Branca



Assim, tem-se a espacialidade do Terreiro de Umbanda que se dá em torno de cinco diferentes práticas e atividades desenvolvidas no mesmo lugar, sendo elas: Sopa Comunitária, Costura e Artesanato, Biblioteca Comunitária, Informática e Terreiro.

A primeira delas, a Sopa Comunitária é uma atividade desenvolvida apenas uma vez por semana, nos sábados de manhã, onde a Yalorixá ou diretora da Sociedade assume o papel de cozinheira e confecciona a alimentação necessária para oferecer as crianças e adultos carentes do bairro. Os alimentos utilizados nesta prática são fruto de doação, uma vez que, a Sociedade não recebe recursos públicos. Outra fonte de recursos para a compra de alimentos é a atividade da Costura e Artesanato desenvolvida no próprio local. Está é praticada sob coordenação da diretora da Sociedade, é ela quem proporciona aulas para as mulheres do Clube de Mães para o aprendizado da costura e a confecção de bonecas afro-brasileiras que posteriormente são vendidas no mesmo local para arrecadação de recursos financeiros. O Clube de Mães é formado hoje por cerca de 17 mulheres chefes de família, as quais tem a oportunidade também de participar de cursos de magia russa, crochê e bordado, além da dança africana maculelê. Estes cursos são ministrados por uma sobrinha da diretora que é quilombola da Comunidade de Santa Cruz. Estas atividades são realizadas todas as segundas, terças e quintas-feiras no horário da tarde.

O ensino de Informática, assim como, a disponibilidade de livros do projeto Biblioteca Comunitária, são recentes, e foram implantados logo após as doações realizadas a Sociedade. Esta recebeu uma quantidade significativa de livros de várias áreas do conhecimento, que levaram a mesma a montar uma biblioteca para as crianças do bairro. Também os computadores foram frutos

de doações. Ambas atividades ainda estão sendo implantadas e funcionam no contra-turno escolar.

As práticas religiosas são realizadas no Terreiro de Umbanda. Segundo a Yalorixá este atividade tem a frequência de um total de 3.000 pessoas, todavia, estas não participam juntas dos rituais. No Terreiro há a presença de sete orixás, sendo eles: Ogum, Xangô, Iemanjá, Oxalá, Oxossi, Yori e Yansã, estes estão representados nas paredes do lugar, além de alguns deles estarem presentes na forma de estátuas. Eles são cultuados e recebem oferendas, havendo pontos onde os alimentos e velas são depositados.

O Terreiro tem funcionamento de segunda a sábado, onde há o desenvolvimento de diferentes trabalhos, sejam eles de ensinamento aos novos integrantes da corrente ou trabalhos de proteção e cultos a orixás. Nesta atividade, novamente é a Yalorixá quem comanda, sendo auxiliada por seu esposo que e chefe dos atabaques, ele é chamado de Ogã e tem a função de comandar as batidas de tambores. Muitos quilombolas de Santa Cruz participam dos ritos do terreiro, alguns deles desempenham atividades importantes durante as práticas religiosas, outros são participantes comuns. Estes quilombolas não apenas participam deste lugar religioso, representam papéis e atividades significativas na Capela Senhor Bom Jesus na Comunidade Quilombola de Santa Cruz.

Conclusões

O “Terreiro de Umbanda da Sociedade Afro-brasileira Cacique Pena Branca” é, portanto, um lugar com caráter familiar que apresenta uma estrutura espacial complexa que se articula diretamente com a “Comunidade Quilombola de Santa Cruz”. Nele, o mesmo ambiente tem definições distintas, sendo lugar para a costura, confecção e venda de artesanato destinado as mulheres que compõe o Clube de mães. É também lugar para o projeto “Biblioteca Comunitária” dirigido as crianças e adolescentes do bairro, assim como, casa de aprendizagem de saberes ligados a Informática. Aos sábados o mesmo ambiente se transforma em lugar onde se distribui sopa para a população carente do bairro. E de segunda a sábado ele também é lugar de práticas e atividades religiosas. Diferentes “lugares”, Terreiro e Quilombo, se articulam por suas espacialidades que expressam suas vivências e sentimento de pertencimento em relação à ancestralidade africana.

Referências

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar: A Perspectiva da Experiência**.1ª Edição. São Paulo: Difel, 1983.